

SEU PROGRAMA

Lazer

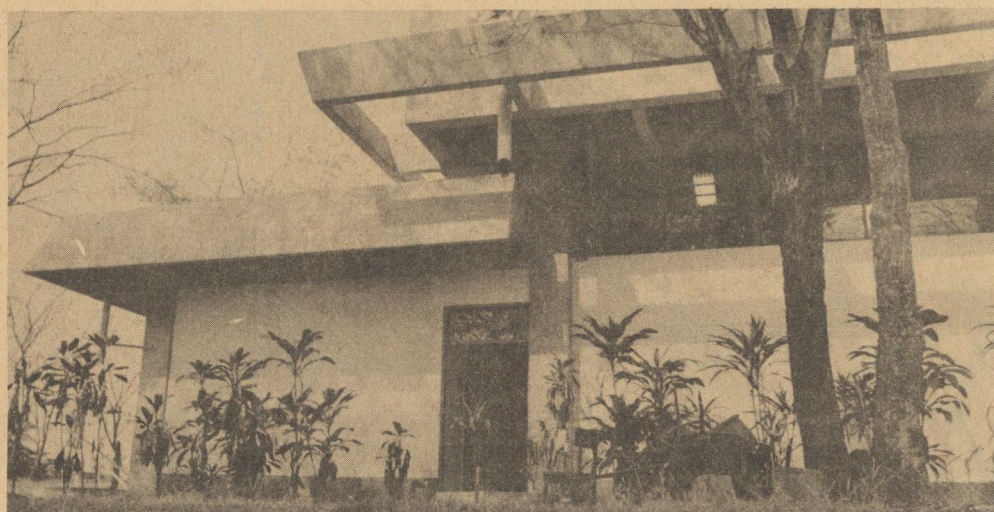
o Diário

RIBEIRÃO PRETO, terça-feira, 31 de julho de 1979 — 9

HISTÓRIA

A velha escola sobe o morro: Belas Artes, de mudança

28 anos depois de fundada pelo prefeito José de Magalhães e pelo escultor Antônio Pallocci, sob a saudável influência de uma incrível personagem da época, o culto e arrojado abade do Mosteiro, Dom Casemiro, a Escola Municipal de Belas Artes deixa o Bosque Fábio Barreto e se transfere para seis modernas e amplas salas na Casa da Cultura. É o fim de um tempo em que a política intuitivamente tentava se valer da arte. Hoje, o professor Antônio Pallocci relembra o passado, conta histórias da época e traça o perfil do esquecido Dom Casemiro que ainda vivo, "velhinho", na França, depois de ter sido transferido da cidade por "elmeiras municipais".



Voltemos aos anos 40. Ribeirão Preto já tinha seu famoso e folclórico bosque municipal. Era um "brinco", mas estava às moscas.

Na esquina de uma rua próxima, um jovem escultor

— promissor, com passagens em São Paulo ao lado de Brecheret — e um monge beneditino conversam. Afinal, é um tempo onde ainda se conversa à beira das esquinas.

Só que é um estranho diálogo, especialmen-

te para um monge da época:

— "Você vê, 'Palochi'. Nem 'elas' estão vindo aqui. Alguma coisa está errada nesta 'cidade'.

Precisamos trabalhar muito".

O escultor sorri, deliciado com a sinceridade de avaliação do monge. Afinal, não era qualquer religioso que podia se referir tão abertamente à ausência das prostitutas.

Nem elas frequentavam o bosque!

Pallocci não entendeu, ligou para o monge, espantado. Dom Casemiro não discutiu:

— "Mande tudo que é seu para cá. A partir de hoje, seu ateliê vai ser aqui, no Mosteiro. Você terá mais espaço, mais condições de trabalho".

Nesse diálogo estava o embrião da ideia de se fundar uma escola municipal de Belas Artes em Ribeirão, e no bosque. O jovem escultor era Antônio Pallocci. E o audacioso monge era Dom Casemiro, italiano, criado na França, cultura europeia e grandes ideias.

Moderno, carismático, inteligente, Dom Casemiro era o abade do Mosteiro de São Bento na época em que as Sete Capelas ainda eram um projeto, o prédio imponente estava inacabado e os monges eram uma ilha cercada de mato e terra por todos os lados.

Para aglutinar todas as correntes artísticas e criativas da época, Dom Casemiro resolveu se aproximar da elite. Foi conquistando simpatias das famílias mais influentes da cidade e dos intelectuais como Plínio Travassos dos Santos. Até o prefeito José de Magalhães aproximou-se do Mosteiro e de Dom Casemiro. Um líder.

Enquanto isso, sua amizade com o escultor Pallocci, jovem modesto, família de nove irmãos, crescia, se estreitava. Um dia, Pallocci acordou assustado.

Um caminho havia parado em frente à sua casa, na Visconde do Rio Branco.

— "Dom Casemiro mandou buscar a mudança".

A ideia da Escola Municipal de Belas Artes estava se firmando. O homem certo para concretizá-la seria Antônio Pallocci, em cujo ateliê, no Mosteiro, Plínio Travassos reuniu as primeiras peças históricas de seu museu.

Era o início de uma efervescência que traria o Museu Municipal, a Faculdade de Medicina — "um divisor de águas na cultura ribeirãoopretana".

Até que o historiador Osmani Emboaba provasse o contrário, o dia 28 de março era tido como a data oficial de fundação da cidade. Por isso, depois de estudos rápidos entre o prefeito e Dom Casemiro, ficou decidido: esta também seria a data de fundação da Escola Municipal de Belas Artes, que daria cursos gratuitos de pintura, escultura e desenho.

Era o ano de 1951. Depois dos anúncios nos jornais, cerca de 120 candidatos se inscreveram para o curso de artes no Bosque.

Mas a escola, acaanhada, só comportava 20 alunos por turno. Então, foram selecionados 40 pretendentes.

Com Pallocci à frente, havia mesmo nascido a Escola Municipal de Belas Artes.

Odila, Fúlvia, Ary de Lazzari. Artistas que a Escola iniciou

Hoje, 28 anos depois, quando a Escola abandona seu primeiro e histórico prédio, no Bosque Fábio Barreto, para mudar-se com tudo seu equipamento para seis amplas e modernas salas na Casa da Cultura — Antônio Pallocci, funcionário municipal aposentado, faz o balanço de todo o passado da instituição.

Entre outras coisas, para Pallocci, que é auto-didata, a Escola teve o mérito de iniciar talentos como Odila Mestriner, Fúlvia Gonçalves, Elenir de Oliveira, Mauro Amauri, Sônia Resende, Ary de Lazzari, Dell Sampalo — muitos deles voltariam depois à escola como professores.

E se nem sempre foi possível revelar gênios, a Escolinha deu chances a "gente de todas as classes, que se misturavam nas aulas":

— "Havia empregadas domésticas, médicos, gente pobre e rica, crianças e adultos. E todos recebiam o melhor".

Se o curso era gratuito, o material, ini-

cialmente, devia ser levado pelos alunos. Os menos providos apareciam com folhas de papel amassadas, inadequadas, sem pincéis:

— "Então tivemos a ideia de fazer uma cooperativa. Os alunos que tivessem condições dariam uma taxa de matrícula X. E todos receberiam, através do dinheiro cotizado, material de graça o ano todo".

Até hoje, sob a direção da professora Cristina Scabello, essa disposição é mantida.

No começo, o curso tinha a duração de três anos. Hoje, dura um ano — no chamado "curso intensivo" — mas os alunos podem voltar, se quiser, permanecendo no máximo três anos na Escola, para não "tirar as chances dos novos".

LABORATÓRIO

Segundo Antônio Pallocci, a Escola Municipal de Belas Artes, já mudou de nome várias vezes:

— "Muda sempre quando entra novo prefeito".

Hoje chama-se "Escola Técnica de Artes Cândido Portinari".

Mas, se muda o nome, não muda o espírito:

— "A Escola sempre teve o espírito de um laboratório de artes, na base da experimentação. Por isso mudamos as normas e os métodos e até o currículo, tirando as aulas de anatomia, geometria e arquitetura. Com artistas, alunos especiais, funciona melhor um bate-papo fora da classe do que cansativas aulas teóricas. Depois que descobrimos isso, ficou tudo mais fácil".

Na Casa da Cultura, as seis salas das novas dependências da Escola serão tomadas por cerca dos 200 alunos que atualmente fazem o curso. Pallocci ainda observa todo o movimento, atentamente, considerando-se "aposentado mas vivo". E entre um elogio e outro ao novo diretor da Cultura, Nelson Araújo, fala de suas esperanças:

— "Ainda é tempo de esperar por horizontes mais largos para a arte em Ribeirão, como sonhava Dom Casemiro".